

ESTUDO COMPARADO DO DESENVOLVIMENTO DE NINHADAS DE
ENYDRIS (SUACUBÓIA) E DE *EPICRATES CENCHRIA CRASSUS* DE CORALLUS
EM CATIVEIRO (OPHIDIA: BOIDAE) (SALAMANTA)

ROCHA, M.B. & MOLINA, F.B.

C. enydris e *E. cenchria crassus*, boídeos pouco estudados, são aqui analisados quanto ao desenvolvimento de suas ninhadas, obtivemos em novembro de 87 o nascimento de 10 filhotes, pesando em média 19,9 g, além de um filhote morto de ovo atrésico. Em fevereiro de 88 obtivemos o nascimento de um alimento mais rapidamente, mas, passados 6 meses, os filhotes de ambas as espécies consumiram em média 12,7 presas vivas, entre filhotes de rato, camundongo e codorna. Os filhotes de salamanta, apesar de mais pesados, quando do nascimento, apresentaram ganhos de peso nesse período, chegando a uma média menor (2,2 vezes o peso inicial) contra 44,4 g dos filhotes de suacubóia salamanta. Segundo Mattison (1986), o número de filhotes por ninhada varia com o tamanho da fêmea e com a diferença de tamanho enquanto dados de bibliografia mostram para *E. cenchria* de 7 a 20 filhotes, 19 filhotes (Chapon et al., 1976; Murphy et al., 1978). Segundo sua vida, o que acreditamos estar ocorrendo nestas espécies. O por Brach & Erasmus (1977) para *Acrantophis madagascariensis*, boídeo de Madagascar. O fato de filhotes de suacubóia estarem se alimentando bem parece contrariar o que, segundo Matz & Vanderhaege (1979), é normalmente observado em cativeiro. Isto, aliado à baixa mortalidade observada, leva-nos a crer que a criação destas espécies pode atingir grandes resultados em cativeiro adequado.

¹ Fundação Parque Zoológico de São Paulo, São Paulo, SP.

BIOLOGIA E COMPORTAMENTO REPRODUTIVO DE *ACANTOCHELYS SPIKII* (DUMÉRIL & BIBRON, 1935) (TESTUDINES: CHELIIDAE), CAGADO, EM CATIVEIRO

MOLINA, F.B.¹, ROCHA, M.B. ¹ & SILVA, R.R.²

A. spixii é espécie semi-aquática que habita o leste do Brasil e parte do Uruguai e da Argentina, estando classificada no "Red Data Book" como insuficientemente conhecida. Em cativeiro aceitam bem carne bovina, fígado de galinha, peixes e insetos. No frio mostram-se pouco ativos, sendo possível que hibernem quando em vida livre. O início da cópula parece estar relacionado com o aumento da temperatura ambiente. Corte e cópula foram parcialmente observados em algumas ocasiões, sempre de novembro a fevereiro. O dimorfismo sexual está relacionado ao tamanho das caudas, maior nos machos, e à existência de uma leve concavidade no plastrão destes, como já observado em outras espécies desta

família (Medem, 1960; Astort, 1974; Pritchard & Trebbau, 1984). Ocorreram 5 posturas entre fim de fevereiro e meados de maio, com 1 a 4 ovos cada ($R=2,4$), os quais pesaram em média 9,4 g. Observamos uma postura de *A. radiolata* de 4 ovos, cada qual pesando em média 10,1 g, enquanto Cintra (1986) cita para *A. macrocephala*, espécie de maior porte, média de 7,6 ovos por postura, com peso médio de 16 g cada. Os ovos destas espécies, recentemente retiradas do gênero *Platemys*, mostram-se quase arredondados, enquanto, segundo Medem (1983), *P. platycephala* põe apenas um ovo, extremamente alongado. Os recém-nascidos de *A. spixii* apresentam, sobre um colorido de fundo negro, intensas manchas avermelhadas que tendem ao rosa com o desenvolvimento dos indivíduos, desaparecendo mais tarde. A conservação desta espécie em cativeiro a princípio não mostra maiores dificuldades. Este trabalho permite que seja formado um banco de exemplares para possíveis repovoamentos.

¹ Fundação Parque Zoológico de São Paulo.

² Centro de Primatologia do Rio de Janeiro, FEEMA.

PRIMEIRA OCORRÊNCIA DE TETRÁPODES NA FORMAÇÃO SANTO ANASTÁCIO (CRETÁCEO DA BACIA DO PARANÁ)¹

FITTIPALDI, F.C., FERNANDES, L.A., SIMÕES, M.G. & COIMBRA, A.M.²

O Grupo Bauru (Cretáceo da Bacia do Paraná) cobre grande parte do Planalto Ocidental, sendo subdividido, no Estado de São Paulo, nas Formações Caiuá, Santo Anastácio, Adamantina e Marília. Seu documentário paleontológico, relativamente rico, é composto por répteis, peixes, crustáceos, moluscos e vegetais, tendo sido, desde o início do século, objeto de numerosos estudos, principalmente no que se refere às Formações Adamantina e Marília. A presente contribuição reporta à primeira ocorrência de zoofósseis na Formação Santo Anastácio, onde, até o momento, só foi assinalada a presença de carófitas. Os fósseis foram encontrados, por ocasião da abertura de um canal, pela Companhia Energética de São Paulo, na região de Pereira Barreto, SP, em sedimentos atribuídos àquela unidade estratigráfica. O material, que está depositado na Coleção Científica de Departamento de Paleontologia e Estratigrafia do Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, é composto por 6 fragmentos ósseos, permineralizados, com tamanho máximo de 11,1 x 8,0 cm, incluídos em uma matriz de arenito vermelho-arroxeados, pouco silicificado. Alguns dos fragmentos correspondem, possivelmente, a ossos das cinturas pélvica ou escapular de répteis. As dimensões e características dos ossos confrontadas com aquelas dos répteis já assinalados no Grupo Bauru, levam a crer que os restos provavelmente pertencem a crocodilianos. A presença desses animais de hábito semi-aquático é até certo ponto compatível com as condições sugeridas para a deposição da Formação Santo Anastácio, relacionadas, de acordo com vários pesquisadores, a um ambiente fluvial "braided" em clima relativamente seco. Embora o estado fragmentário dos ossos não possibilite, de momento, maiores considerações, a importância do presente achado é

bastante grande, não só por se tratar do primeiro registro animais fossis na Formação Santo Anastácio, como também de fato de se referir aos tetrápodos mais antigos de todo o Pelo Sauria, no Estado de São Paulo. Adicionalmente, a presença desse repteis naquela formação pode sugerir uma melhoria climática da relação à Formação Caluá, depositada em condições mais áridas.

Trabalho realizado em parte com o auxílio da FAPESP.
Inst. Biociências, USP, Cx.P. 26299 - 01498, São Paulo.

USO DO HABITAT POR *FLICA PLICA* (SAURIA: IGUANIDAE) EM SERRA NORTE, PA

STRUSSMANN, C.

F. plica é um iguanídeo de hábitos arbóricolas, com ampla distribuição na Amazônia. Sua ecologia é pouco conhecida e baseada em observações casuais e não quantificadas. No Zoo de Carajás localizei 64 indivíduos desse lagarto, em áreas remanescentes de mata de cipós. Visando um estudo quantificado sobre o uso do habitat, a cada encontro (c. 90), registrei hora, altura ocupada pelo lagarto no tronco, sua posição e postura, circunferência do tronco a 1,3 m de altura (CAP) e outras características da árvore ocupada. Adicionalmente, acompanhei 11 indivíduos no período da manhã e 8 à tarde, por cerca de 35 min cada um. Em 5 transecções (com 5 m de largura e comprimentos variáveis) nas manchas de mata, medi o CAP de todas as árvores, anotando aquelas onde *F. plica* estivesse presente. A distribuição de frequência das árvores nos transectos, por classe de CAP, mostra maior números de plantas nas classes mais baixas (até 100 cm). Entretanto, quase todos os lagartos localizados (94,3%) ocupavam árvores com CAP maior que 100 cm ($R=294$ cm; $s=193$ cm), que constituem apenas 12% do total ($n = 401$), evidenciando a utilização preferencial desse tipo de substrato. Casca rugosa, lascada e homocrônica, fuste alto e presença de raízes tabulares parecem também influir na escolha de determinadas espécies de plantas por *F. plica*. A maioria dos lagartos foram sempre avistados solitários, mas houve casos em que 2 ou mesmo 3 indivíduos ocupavam simultaneamente a mesma árvore. Jovens foram observados em alturas significativamente mais baixas do que os adultos ($t' 0,005 = 6,21$; $t' esp. = 2,034$) e, raramente, no chão. Fuga ocorreu sempre na direção da copa das árvores, para onde *F. plica* se dirige, também, ao final do período de atividades. *F. plica* é 2,5 vezes menos ativa pela manhã do que à tarde, quando então podem ser observadas maior número de tentativas de captura de presas por unidade de tempo. Ao forragear, o lagarto permanece estacionário ("sit and wait"), apresando desde pequenas formigas e pseudoscorpões até itens maiores, como coleópteros e hemípteros. A utilização diferencial do estrato arbóreo, a umbrofilia e a imobilidade e homocromia com o substrato parecem ser componentes importantes do modo de forrageamento (espreita) e no comportamento antipredatório (camuflagem) de *F. plica*, da mesma forma que para outros iguanídeos de florestas tropicais (e.g., *Anolis*, *Corytophanes* e

Enyalius).

1 FEMA, Cx.P. 268, Cuiaba, MT.

FUNÇÃO VENENOSA DOS OFÍDIOS - MORFOFISIOLOGIA DA GLÂNDULA DE DUVERNOY DA SERPENTE ÁGLIFA *SYBINOMORPHUS MIKANI* (COLUBRIDAE)

SALOMÃO, M. G. 1

Dentre as glândulas céfálicas dos ofídios, a de Duvernoy é admitida como produtora de secreção venenosa. Postula-se que essa glândula, presente nas serpentes colubrídeas, tidas como não venenosas, tenha dado origem à glândula de veneno típica das serpentes viperídeas e elapídeas. O mecanismo que teria propiciado tal transformação, bem como as diferenças morofisiológicas decorrentes dessa transformação, não se encontram ainda relatadas na literatura. Na espécie estudada as glândulas de Duvernoy estão localizadas na região Pós-ocular, imediatamente atrás das glândulas supra-labiais. Elas apresentam um complexo de Golgi e um retículo endoplasmático granular bastante evidentes. Possuem mitocôndrias, numerosas interdigitações basais entre as células adjacentes, citoplasma denso e, em volta do tecido conjuntivo, sob a forma de fibrilas de colágeno. Nas células prismáticas observa-se o retículo concentrado na região baso-lateral e os grânulos de secreção apresentam acentuado polimorfismo em diferentes fases de densidade. São também abundantes os ribossomos. Cabe salientar que a análise de sua secreção mostra a presença de um componente tóxico mortal para suas presas - moluscos Vorticelidae - ou capaz de anestesiá mamíferos. Observam-se, então, os primeiros indícios de elementos tóxicos na escala das serpentes verdadeiras, as colubrídeas, já que os boídeos não possuem a glândula de Duvernoy e os viperídeos e elapídeos apresentam apenas a glândula de veneno. As serpentes colubrídeas opistoglifas possuem a glândula de Duvernoy muito desenvolvida, promovendo acidentes humanos sérios, porém sem causarem letalidade. Isso corrobora a hipótese de muitos pesquisadores de que a glândula de veneno e sua secreção têm sua origem calcada na glândula de Duvernoy, presente apenas nos colubrídeos.

1 Inst. Butantã e Dep. Fisiologia Geral, Inst. Biociências, USP, Av. Vital Brasil, 1500 - 05504, São Paulo, SP.